

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM MÚSICA

“Caticuti Vuidá” – A ludicidade e o desenvolvimento musical nos
primeiros anos de vida da criança

MARIANA BARROS MOREIRA

RIO DE JANEIRO, 2010

**“CATICUTI VULIDÁ” – A LUDICIDADE E O DESENVOLVIMENTO
MUSICAL NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA DA CRIANÇA**

por

MARIANA BARROS MOREIRA

Monografia apresentada para conclusão
do curso de Licenciatura em Música do
Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras
e Artes da UNIRIO, sob a orientação
da prof^a. Cláudia Leão.

Rio de Janeiro, 2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Selma e Pedro, aos meus irmãos Gleice e Rodrigo, ao meu cunhado Peterson e ao meu eterno amigo Pedro Tie por todo o apoio, carinho, compreensão ao longo destes anos.

Agradeço aos meus queridos colegas e aos professores do CLA-Unirio, que estiveram sempre dispostos a ajudar e que foram muito importantes na minha formação profissional.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à querida Cláudia Leão, que foi muito importante para meu crescimento profissional e por despertar em mim o amor pela Educação. Dedico também ao meu querido amigo Pablo Panaro. Essa vitória é nossa!

MOREIRA, Mariana Barros. “*Caticuti Vulidá*” – A ludicidade e o desenvolvimento musical nos primeiros anos de vida da criança. 2010. Monografia (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Com base nos estudos sobre o desenvolvimento infantil, a presente pesquisa refere-se à um relato de experiências através da observação prática sobre o desenvolvimento musical de crianças entre 2 e 5 anos em uma instituição de ensino não-formal. Selecionei algumas crianças de diferentes idades e observei como a linguagem musical as influenciaram quanto ao aprendizado, à socialização, expressão, coordenação, afetividade e desenvolvimento musical propriamente dito. Através de teóricos da Educação como Piaget e Vigotsky, foi possível obter resultados positivos e gerar reflexões sobre o processo de desenvolvimento infantil e as metodologias utilizadas no ensino da música no Brasil.

Palavras-chave: Música – Infância – Linguagem – Educação Infantil – Metodologia

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução | 1 |
| 1 – Concepção de Criança e Infância | 3 |
| 2 – Características Gerais e Musicais do Desenvolvimento de Crianças de 2 a 5 anos de Idade | 6 |
| 3 - A Música Enquanto Linguagem | 7 |
| 4 – A Música na Educação Infantil | 9 |
| 4.1 – Materiais adequados à educação infantil | 10 |
| 4.2 – Trabalhando com a voz | 13 |
| 4.3 – Repertório | 13 |
| 4.4 – Trabalhando com o corpo | 14 |
| 5 – Sobre o Espaço | 15 |
| 5.1 – Projeto Político Pedagógico | 19 |
| 5.2 – Metodologia específica do espaço | 20 |
| 5.3 – Relato de experiências | 21 |
| 6 – Considerações Finais | 25 |
| Referências | 27 |
| Anexo | 29 |

INTRODUÇÃO

A música é uma potente ferramenta de educação voltada ao desenvolvimento global da criança, pois é capaz de socializar, comunicar, entreter educar e principalmente, despertar a sensibilidade do ser humano.

Segundo os educadores musicais Paynter & Aston (1985, *apud* Campos, 2000, p.14), a música tem papel importante na educação, sendo ela uma linguagem e veículo de expressão, através do trabalho criativo com os sons, proporcionando o crescimento individual do ser e o contato com o mundo que o rodeia.

Gainza (1964, *apud* Mársico 2003, p. 23) enfatiza a necessidade de colocar a criança o mais cedo possível em contato com a música, para que esta constitua, ao lado do idioma materno, um segundo idioma. Além disso, a autora aponta a primeira infância como a época mais indicada para a recepção e reprodução dos sons, dada a espontaneidade da resposta musical que caracteriza a maior parte das crianças. A pedagoga diz que o “sotaque”, observado em pessoas que aprendem um idioma estrangeiro, é o resultado da falta de exercício auditivo. Transpondo para o campo musical, este “sotaque”, se caracteriza pela dificuldade que a criança apresenta para cantar com precisão rítmico-melódica uma canção, por falta de um treinamento auditivo feito na época adequada.

No entanto, isto permite sublinhar a necessidade do desenvolvimento dos sentidos na primeira infância através do mundo sonoro. Mársico (2000) menciona que, segundo psicólogos, “o contato da criança com o mundo, desde seus primeiros momentos de vida, constituirá a base para o desenvolvimento de suas capacidades de percepção e o alimento para sua vida futura”. (p.22)

O presente trabalho refere-se ao relato de experiências sobre o processo de desenvolvimento infantil através da música, com crianças na faixa etária entre 2 e 5 anos, em um instituição escolar não-formal, relatando uma metodologia específica do professor.

O espaço no qual me refiro neste trabalho consiste em uma escola de desenvolvimento que por meio de uma equipe multidisciplinar de fonoaudiólogos, musicoterapeutas, educadores nas áreas de teatro, artes plásticas e dança, professores de música que oferecem estímulos diferentes e direcionados à crianças a partir de 6 meses

de idade, visando o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional, além da socialização.

Para que esse desenvolvimento musical se efetive, é imprescindível o contato com a música e a participação nas atividades musicais para possibilitar a diferenciação e a integração dos elementos desta linguagem. À medida que se processa o desenvolvimento, as respostas musicais do indivíduo vão aumentando em complexidade e especificidade, adquirindo maior precisão e exatidão (Mársico, 2003, p.13).

Meu objetivo neste trabalho é ressaltar a importância da educação musical na idade pré-escolar, através do relato das minhas experiências como professora auxiliar nesta instituição de ensino e apresentação de suas propostas pedagógicas.

Baseando-me nos estudos sobre desenvolvimento infantil, através de diferentes abordagens, foi possível obter resultados concretos, através das minhas observações, quanto às práticas desenvolvidas nesta instituição e seus efeitos quanto ao processo de desenvolvimento global da criança. Além disso, as condições do espaço eram ideais para obter resultados positivos – cada turma havia o número máximo de seis crianças, havia uma grande quantidade de instrumentos específicos para a faixa etária deles, além do espaço totalmente adequado e adaptado para a execução das atividades.

Primeiramente, foi necessário refletir sobre as capacidades presentes em cada etapa do desenvolvimento infantil, bem como sobre as tantas conquistas, que só tem razão de ser se respeitarmos o processo único e singular de cada ser humano, e se considerarmos que esse processo se dá na interação com o meio. Além disso, um trabalho pedagógico-musical deve se realizar em contextos educativos que entendam a música como processo contínuo de construção, que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir.

Nesse sentido, importa, prioritariamente, a criança, o sujeito da experiência, e não a música, como muitas instituições de ensino musical insistem em considerar.

“A educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje” (Brito, 2003,p.43).

1 – CONCEPÇÃO DE CRIANÇA E DE INFÂNCIA

“Resgatar os antecedentes históricos da infância é dar voz a diferentes documentos hoje pesquisados e que em determinados períodos testemunharam o papel da criança na sociedade”. (Rocha, 2002, p.2)

A visão sobre a infância hoje, como um período específico pelo qual todos passam é uma construção definida no momento presente. A questão de que todos os indivíduos nascem bebê e serão crianças até um determinado período, independente da condição vivida, é inegável. Entretanto, tal premissa nem sempre foi percebida dessa maneira e por diversos períodos se questionou qual era o tempo da infância e quem era a criança.

É importante ressaltar que o conceito de criança variou ao longo do tempo, de acordo com o contexto histórico em que se passava a sociedade. Por muito tempo, a criança não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim como um adulto em miniatura. “Nesse sentido, a história da infância surge como possibilidade para muitas reflexões sobre a forma como entendemos e nos relacionamos atualmente com a criança”. (Rocha, 2002, p.2-3)

“Hoje, o estudo do desenvolvimento da criança é necessário e indispensável para quem deseja trabalhar com essa fase da vida humana. Além disso, a perspectiva extremamente positivista assumida pela Psicologia do Desenvolvimento, que se preocupava principalmente em observar, medir e comparar as mudanças exibidas pelas crianças ao longo de sua trajetória de vida, foi substituída por uma perspectiva mais histórica. Hoje se estuda a criança e a infância como categorias construídas historicamente, o que nos abre possibilidades de compreendê-las de modo concreto, na sua expressão de vida. O tempo linear, cronológico e contínuo é superado por um devir, um tempo que não se esgota em si mesmo”. (Frota, 2007, p.8)

Tivemos três grandes teóricos em nossa época que trouxeram diferentes concepções sobre o processo do desenvolvimento humano: Freud, Piaget e Vigotsky.

De acordo com Bruner (1989, p.3) Freud se fundamentou no passado - com os meios pelos quais podemos liberar o homem dos abusos de seu passado histórico e daqueles produzidos no passado mais íntimo da vida familiar. Sua missão foi explicar a anatomia do irracional de forma que pudesse ser vencida, arrancar as raízes das neuroses escravizadoras, encontrar as formas de evitar ou dismantelar as defesas, interpretar as terríveis mensagens dos sonhos para burlar o inconsciente.

Bruner (1989, p.3) cita Piaget quando se refere á preocupação com o presente:

O desenvolvimento é um esforço por lograr o equilíbrio entre dois conjuntos de princípios que operam no presente: assimilação do mundo ao pensamento representativo tal como se tenha desenvolvido neste momento, e acomodação ao mundo por meio de mudanças no pensamento que o representem melhor. O presente influi no desenvolvimento enquanto processo nutritivo - *alimento* é o termo de Piaget - que o estenderia instalando-se sobre ele.

Corroborando com Piaget, existe uma estrutura na qual não pode ser “atropelada”, ou seja, as etapas do desenvolvimento não se fundem, as crianças passam por cada uma delas, sem poderem passar por um processo de aceleração por uma dessas etapas ou até mesmo deixar de passar por uma delas.

Bruner (1989, p.4) não esquece de Vigotski considerando que seu interesse se radicava no futuro e em como a criança se apropria da bagagem generativa com a qual se pode construir mundos possíveis. Era construtivista como Piaget, porém, diferente deste, Vigotski acreditava que o crescimento da mente humana dependia muito mais de fatores externos do que internos como supunha os outros dois contemporâneos. “Para Vigotski, a mente humana nem cresce naturalmente, por bem alimentada que esteja, nem se encontra livre das travas das limitações históricas”. Para ele, a inteligência consiste em compreender os dispositivos intelectuais e lingüísticos transmitidos culturalmente.

A cultura proporciona os meios para saltar para o futuro, cultura que é criada pela história e transmitida pelos demais. Este é seu veículo transacional fundamental no desenvolvimento, e é, para Vigotski, o instrumento pelo meio do qual a cultura reproduz a si mesma. (Bruner, 1989, p.2-4)

Segundo Bruner (1989, p.7), as três concepções de cada um destes teóricos levam a imagens bem diferentes da função do professor e do processo de educação em geral. No mundo criado por Freud, o professor é um terapeuta-libertador que protege a criança, ou inclusive, a resgata dos abusos do drama familiar, das hipocrisias da sociedade, etc. Esta visão não proporciona ao professor a função de colaborador intelectual da criança.

Já as implicações de concepção em temas educacionais de Piaget consiste em proporcionar à criança tarefas que correspondam ao seu nível de desenvolvimento, como dito anteriormente, assegurando-lhe a oportunidade de iniciar ela mesma as ações sobre o mundo de tal modo que possa assimilar e acomodar os resultados destas, como requerem os processos lógicos no jogo, etc. Isto é de extrema relevância, porém, fica em aberto a função do professor no processo educacional da criança na teoria piagetiana,

que é um ser solitário que trata de resolver para si mesma as invariantes do mundo. Portanto, em relação à teoria piagetiana:

Não está claro o que pode fazer, dizer ou exemplificar o professor para levar o aluno do pensamento pré-operacional ao operacional, e deste ao pensamento formal – exceto assegurar à criança materiais apropriados e liberdade suficiente para explorá-los e experimentá-los. Nem sequer está claro de que forma o professor é um sacerdote da cultura. (Bruner, 1989, p. 8)

Concluindo o pensamento de Bruner (1989) em relação aos teóricos, o autor cita Vigotski como o que concebeu o problema da educação em seus termos mais viáveis. “Para Vigotski, a educação era uma continuação do diálogo pelo qual se constrói um mundo social de realidades constituintes.” O ponto crucial de sua teoria é a consciência do professor e sua capacidade de fazê-la acessível a outros como ajuda para alcançar conhecimento e habilidades.

É muito interessante que esta forma de diálogo seja o mesmo processo que cria a realidade historicamente condicionada da cultura. Assim, nesta organização, a educação levada a cabo pelo professor, é uma continuação do processo que cria a cultura. A educação “sem professor”, em sua concepção, é impossível. (Bruner, 1989, p.8)

Pancera (1994) se refere à palavra infância, que se deriva do latim, como “àquela idade na qual não se é capaz de falar” (p.100). Além disso, o autor admite ainda que o adulto por não saber como lidar com o fato de não ser mais criança, subjulga-a e a designa pelo diminutivo, apontam-na como um brinquedo engraçado ou em palavras que designam, como no caso da palavra *fante*, homem de poucas qualidades, um sentido menor delimitando o grande e o pequeno, o forte e o fraco em uma hierarquia indicando uma condição social. “Desta maneira de pensar a criança podemos visualizar os paradoxos em que a infância é entendida e submetida”.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, legitima os direitos fundamentais e inalienáveis das crianças e se resumem nos três Pês (proteção, provisão e participação). Segundo Corsino (2008), a brincadeira é um elo de cada um destes três eixos. De acordo com ela: “Para se desenvolver plenamente e participar ativamente do mundo em que vive a criança precisa brincar.” (p.21)

A brincadeira, a fantasia, a imaginação são características específicas da criança e demonstram a alteridade do caráter infantil. Algo que nos move a ver as coisas sobre outra ótica, com outras lentes, para assim podermos exercitar os direitos inalienáveis a ela. (p.21)

Segundo Rocha (1997), ter a infância como objeto de estudo e de inspirações políticas de educação infantil vai depender das concepções de infância e de educação abordadas. (p.22)

2 - CARACTERÍSTICAS GERAIS E MUSICAIS DO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS DE 2 A 5 ANOS DE IDADE

Antes de desenvolver as práticas musicais com as crianças, foi necessário um estudo prévio sobre as etapas do desenvolvimento infantil. Partindo do pressuposto de que o desenvolvimento musical é contínuo e pode variar de indivíduo para indivíduo, selecionei algumas crianças nas quais pude observar um processo de desenvolvimento efetivo para o presente trabalho.

A primeira infância se caracteriza pelo momento em que os processos cognitivos estão sendo construídos, com aperfeiçoamentos gradativos.

O ato de pensar compreende várias etapas no processo. Estas vão desde a percepção, que passa pela organização mental do indivíduo, elaborando as idéias de forma a possibilitar uma expressão do material captado e elaborado. Segundo uma perspectiva piagetiana, a organização mental dos fenômenos externos e internos relaciona-se à constante busca de equilíbrio entre os processos de assimilação e acomodação. Cada indivíduo, porém, imprime características peculiares em sua cognição, conforme interesses ou necessidades de sua vida cotidiana (Beyer, 1996, p.9).

De acordo com as observações feitas por Jeandot (1997, p.93) ao longo do seu trabalho no ensino da música, aproximadamente em torno de 2 anos, a criança começa a cantar versos soltos e fragmentos de canções, geralmente fora do tom. Além disso, reconhece algumas melodias e cantores (como já pude observar com meus alunos desta faixa etária), e gosta de movimentos rítmicos em rede, cadeira de balanço, etc; na faixa de 3 anos, a criança consegue reproduzir canções inteiras, embora geralmente fora do tom. Possuem menos inibição para cantar em grupo e reconhecem várias melodias. Começa a fazer coincidir os tons simples de seu canto com as músicas ouvidas e tenta tocar instrumentos musicais. Gosta de participar de grupos rítmicos: marcha, pula, caminha, corre, seguindo o compasso da música (costumo fazer muitas atividades com estas propriedades). Com 4 anos a criança progride no controle da voz e participa com facilidade de jogos simples, cantados. Interessa-se muito em dramatiza as canções e cria

pequenas músicas durante a brincadeira. Aos 5 anos as crianças entoam mais facilmente e consegue cantar melodias inteiras. Reconhece e gosta de um extenso repertório musical e consegue sincronizar os movimentos da mão ou do pé com a música. Reproduz os tons simples de ré até dó superior. Consegue pular em um só pé e dançar conforme o ritmo da música. Percebe a diferença dos diversos timbres (vozes, objetos, instrumentos), dos sons graves e agudos, além da variação de intensidade (forte e fraco).

Estas características quanto ao desenvolvimento musical da criança relatadas por Jeandot (1997, p.3), condiz bastante com as minhas observações, que podem ser vistas posteriormente neste trabalho.

3 – A MÚSICA ENQUANTO LINGUAGEM

A música é uma linguagem que comunica sensações, sentidos e passa por organização de som e silêncio. Está presente nas mais diversas situações. A afetividade, a cognição e a estética são partes integrantes dela.

Gonçalves (2009) afirma que a compreensão da música como linguagem e forma de conhecimento, leva-nos a ver a criança não como um ser estático e sim como alguém interagindo com o meio, organizando suas idéias e pensamentos.

Os primeiros anos de aprendizagem são propícios para que a criança comece a entender o que é linguagem musical, aprenda a ouvir sons e a reconhecer diferenças entre eles. Todo o trabalho a ser desenvolvido na educação infantil deve buscar a brincadeira musical, aproveitando que existe uma identificação natural da criança com a música. A atividade deve estar muito ligada à descoberta e à criatividade (Gonçalves, 2009, p.9).

A criança entra em contato com os sons antes mesmo de seu nascimento. Durante a gestação ela já é exposta aos sons intra-uterinos, a voz materna também constitui material sonoro especial e referência afetiva para ela, daí a certeza de que a música está presente desde antes do nascimento até a hora da morte do ser humano. Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve e com a música, já que ouvir, cantar e dançar são atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras. Podemos dizer que o processo de musicalização dos bebês e crianças começa espontaneamente, de forma

intuitiva, por meio do contato com toda a variedade de sons do cotidiano, incluindo aí a presença da música. (Brito, 1998, p.35)

As cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem que os bebês desenvolvem um repertório que lhes permitirá comunicar-se pelos sons; os momentos de troca e comunicação sonoromusicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculos fortes tanto com os adultos quanto com a música. (Brito, 1998, p.49)

Para a melhor compreensão, Carvalho (2006, p.4) divide em cinco categorias que evidenciam a influência da música como linguagem no aprendizado infantil: aprendizagem, socialização, afetividade, expressão e coordenação motora.

Aprendizagem – De acordo com Gainza (1988), “a aprendizagem se concretiza com a aquisição – consciente ou não – de uma série de capacidades ou destrezas no campo sensorial, motor, afetivo e mental”. (p.34)

Socialização – “é na socialização que a criança encontra o outro, o mundo do outro, e aprende a conviver, a respeitar, a repartir. É um momento de orientação das vivências, que refletirão por toda a vida” (Carvalho, 2006, p.4).

Afetividade – Gainza (1988) diz que para Piaget o afeto é o principal impulso motivador dos processos de desenvolvimento mental da criança. (p.27)

Expressão – como manifestação das idéias, dos sentimentos, nos dando voz, movimento. Segundo Gainza (1988), todo o processo de recepção induz à uma resposta ativa do sujeito, ou seja, quando este adquire a capacidade de emitir respostas musicais face aos estímulos sonoros é que se completa o processo de musicalização.(p.28)

A ação musical implica num movimento, seja das cordas vocais e do aparelho fonador naquele que fala ou canta, seja do próprio corpo. No último caso, o corpo aparece como “instrumento” produtor de som ou se “prolonga” através de um instrumento propriamente dito. (Gainza, 1988, p.29)

Coordenação Motora – o movimento sugere vida, pulsar, respirar, percorrer caminhos que são necessários na formação da criança. Mente que pensa, aprende, socializa em conjunto com o corpo, em um pulsar rítmico, musicalizado, que, mesmo parado, se movimenta, quando descansa, respira no pulsar dos batimentos para que, quando acorde, recomece a brincar outra vez (Carvalho, 2006, p.5).

Segundo Carvalho (2006), os educadores mostram o poder que a música desempenha nas capacidades de interesse, concentração, atenção, participação, socialização e aprendizagem na criança. Mostram que, por meio da música a criança compreende a importância das relações, da socialização, vivenciando o respeito ao

próximo, desenvolvendo a autonomia, o senso crítico. Além disso, compreendem o raciocínio lógico matemático, a necessidade de compreender e respeitar os limites, fazendo crescer o senso rítmico no aprimorar dos movimentos, construindo a dicção, a linguagem, a comunicação, enfim, o desenvolvimento global da criança. (p.6)

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas, etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga era considerada fundamental para a formação dos futuros cidadãos ao lado da matemática e da filosofia (Brasil, 1998, p.45).

4- A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A partir do momento em que a criança entra em contato com a música, seus conhecimentos se tornam mais amplos e este contato vai envolver também o aumento de sua sensibilidade e fazê-la descobrir o mundo a sua volta. Apresentar e dar oportunidade à criança de conhecer os vários ritmos e gêneros musicais trará a esta criança a possibilidade de tornar-se um ser crítico capaz de comunicar-se por meio da diversidade musical. A música também pode ser usada na Educação Infantil em contribuição para o processo ensino-aprendizagem. Utilizando seus vários níveis de alcance desde a socialização até o gosto musical da criança. A música vem ainda contribuir para a formação do indivíduo como todo. Por meio da música, a criança entrará em contato com o mundo letrado e lúdico. Observa-se sua importância como valioso instrumento, o qual deverá ser trabalhado e estimulado provocando no educando possibilidades de criar, aprender e expor suas potencialidades (Gonçalves, 2009, p.6)

Há muitas possibilidades de trabalhar os elementos musicais, como por exemplo: a exploração do conceito de som e silêncio - com brincadeiras de estátua; produção de vários tipos de sons com o corpo - arrastando os pés, batendo as mãos nas diferentes partes do corpo, etc; estímulo ao desenvolvimento da linguagem falada por meio de canções; incentivo à composição pelas crianças de uma melodia- a partir de uma letra criada pelo grupo; incentivo à criatividade, concentração e memória pela imitação de sons criados pelos colegas; a utilização de brinquedos de diferentes texturas, formas e

tamanhos que produzam sons diferentes: estímulos auditivos, visuais e motores; movimentos rítmicos, explorando todo o esquema corporal e acompanhamento das músicas com palmas ou percutindo algum objeto ao pulso da melodia; trabalho da percepção da pulsação com movimentos corporais com os braços, mãos, pernas, pés, cabeça e tronco. Em qualquer ambiente que a criança esteja exposta deverá ser estimulada a prestar atenção aos sons que com certeza estão acontecendo e se possível identificá-los relacionando-os e nomeando-os.(Gonçalvez, 2009, p.7)

4.1- Materiais musicais adequados à educação infantil

O trabalho na área de música pode (e deve) reunir grande variedade de fontes sonoras. Podem-se confeccionar brinquedos sonoros populares, instrumentos étnicos, materiais aproveitados do cotidiano, etc. Devem-se valorizar brinquedos populares, como a matraca, os chocalhos, sinos de diferentes tamanhos, brinquedos que imitam sons de animais, entre outros, são materiais interessantes que também podem ser aproveitados na realização das atividades musicais.

Instrumentos como reco-reco, chocalho, coco, maracas, sino, triângulo, são os mais adequados para o início das atividades com crianças. São fáceis de serem manipulados desde cedo. Além disso, é importante combinar estes instrumentos pois podem ser explorados a partir de suas diferenças timbrísticas por serem constituídos por diferentes tipos de materiais (madeira, metal, etc.). Estes instrumentos são nomeados por Brito (2003) de idiofones¹.(Brito, 2003, p.64)

¹ Em 1914, os musicólogos Sachs e Hornsboestel, baseados nos princípios acústicos (no modo como os instrumentos produzem som), propuseram uma classificação interessante em razão de sua abrangência. Os idiofones se caracterizam pelo som que é produzido pelo próprio corpo do instrumento, feito de materiais elásticos, naturalmente sonoros. Exemplos: chocalho, reco-reco, clavas, triângulo, xilofone, sino, etc.



Fig.1 – Exemplos de idiofones (chocalho, coquinho, reco-reco, etc.)



Fig.2 – Exemplos de idiofones (triângulo, sino, ganzá, etc.)

Os xilofones e metalofones² (lâminas de madeira ou metal dispostas sobre uma caixa de ressonância e percutidas com baquetas), são denominados por Brito (2003) como idiofones que possuem altura determinada, ou seja, uma afinação, e são capazes de reproduzir as notas musicais, ao contrário dos idiofones citados anteriormente.

Esses instrumentos são utilizados para crianças maiores que estão no processo de iniciação musical, onde já conseguem discriminar com maior propriedade os intervalos,

² O compositor e educador musical alemão Carl Orff (1895-1982) adaptou xilofones e metalofones para a educação infantil, agregando-os a outros instrumentos componentes do Instrumental Orff.

os movimentos ascendentes (do grave para o agudo), os descendentes (do agudo para o grave) e já começam a conhecer as notas da escala e a cantá-las.

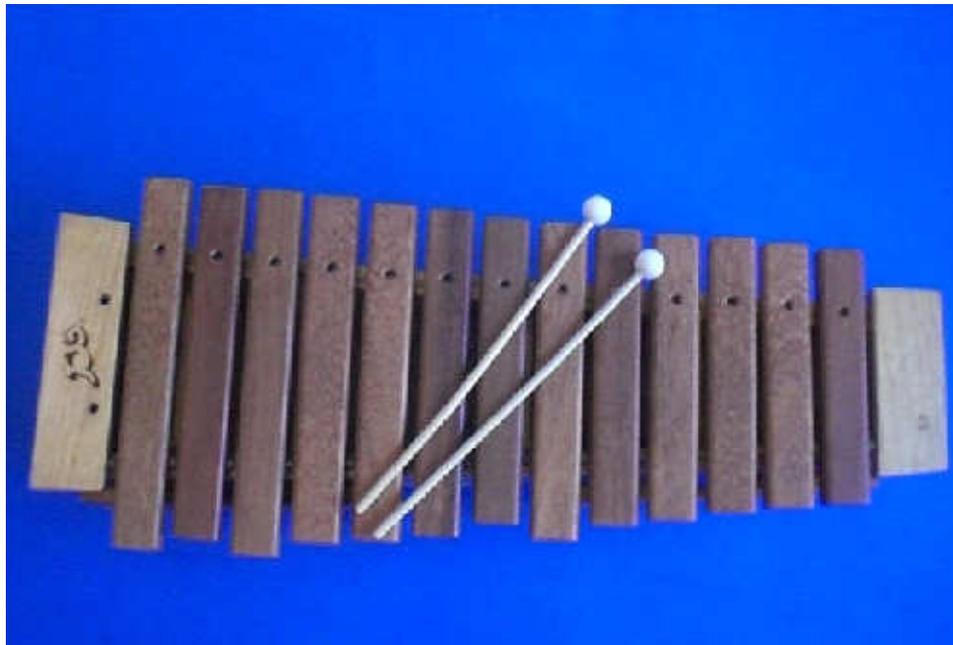


Fig.3 – Xilofone

“Os tambores, que são instrumentos muito primitivos, dotados de função sagrada e ritual para muitos povos, exercem enorme atração sobre as crianças. Existe uma grande variedade de tambores e instrumentos de peles” (Brito, 2003, p.65).



Fig.4 – Variedade de tambores

4.2. Trabalhando com a voz

A voz é, de fato, o primeiro instrumento a ser utilizado pelo indivíduo, pois ele é natural e a primeira forma de expressão e comunicação, juntamente à expressão corporal, que o indivíduo tem desde o nascimento.

Portanto, nada mais natural que utilizemos a cantoria como um método de musicalização, por ser a melhor forma de estabelecer um primeiro contato com a criança, e esta responder através da reprodução, criação de sons vocais e resposta à eles. “Até os dois anos de idade, o desenvolvimento musical é muito intenso, e sem dúvida a voz – integrada ao movimento – é um elemento de grande importância nesse contexto.” (Brito 2003, p.87).

Este processo resulta no desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo e obviamente, musical. Esta metodologia é a que praticamos neste espaço no qual menciono neste trabalho.

Além do canto, utilizamos a voz para reproduzir sons da natureza, ruídos, movimentos sonoros em diferentes tessituras e alturas. A utilização do movimento ao som também é muito utilizado para associar graves e agudos, longo e curto, forte e fraco, etc.

4.3. Repertório

Como disse anteriormente, a cantoria é fundamental no processo de musicalização. Porém, a escolha do repertório também é fundamental. A melodia deve ser adequada quanto à sua extensão vocal, assim como seu conteúdo literário.

Existem alguns livros muito interessantes contendo um vasto repertório específico para a prática de musicalização. Um exemplo de livro com esta designação é o da Elvira Drummond, chamado “Som e Movimento” (2009) que contém muitas sugestões de atividades para diversas faixas etárias além de um vasto repertório, distribuídos em agrupamentos de acordo com as propriedades dos som (timbre, duração, intensidade, altura e a mescla destas propriedades, para crianças musicalmente mais desenvolvidas). É evidente que as propriedades do som são interligadas. Quando se trabalha timbre, por exemplo, estamos naturalmente lidando com duração, altura e intensidade. No entanto, esta distribuição das propriedades do som feita pela autora, não

tem o objetivo de desvincular estas propriedades, e sim dar ênfase a um deles, com o intuito de objetivar melhor o trabalho (v. Anexo). Segundo Brito (2003) a música popular brasileira deve fazer parte do trabalho e acrescenta que “a cultura popular e, especialmente, a música da cultura infantil são ricas em produtos musicais que podemos e devemos trazer para o ambiente de trabalho da instituição. (Brito, 2003, p.94).

O cancionário folclórico e cantigas de roda são muito utilizadas em nossas cantorias. Além de preservar a cultura de nosso país, essas canções possuem uma riqueza rítmica-melódica muito grande, além de auxiliar no processo educativo musical.

Apresentamos este repertório de várias formas: na roda de cantoria, com voz e violão, enquanto eles também cantam e tocam seus instrumentos percussivos; ou colocamos gravações para que eles possam ouvir de outras formas aquele mesmo repertório, com outra instrumentação, outro arranjos, outras vozes, etc. Esta é uma forma de ampliação do repertório e da leitura de mundo pela música. Brito (2003, p.94) defende que esta prática nos leva a estabelecer “desde a infância, uma consciência efetiva com relação aos valores próprios da nossa formação e identidade cultural.”

4.4. Trabalhando com o Corpo

A rítmica – linguagem corporal dos ritmos musicais teve ainda seu papel deveras importante na Educação Musical. Para diversos educadores, Dalcroze foi o responsável pela difusão da educação rítmica a partir do século XX.

A simples observação de alguns movimentos realizados tão naturalmente pelas crianças em suas brincadeiras e, ainda, em suas atividades diárias, que envolvem o ato de caminhar, de correr, de saltar, galopar, pular e balançar, levou Dalcroze à reflexões, que propiciaram a criação do método chamado Eurritmia, em 1903.

Com seu método, Dalcroze propõe a percepção rítmica através da sensibilidade, para que se distingam os componentes musicais como dinâmica, compasso, frase, linha melódica, estrutura harmônica, tensão e relaxamento. Aplicando-se o movimento físico, refina-se a técnica instrumental e dá-se especial atenção à arte da improvisação. O método propõe-se despertar e desenvolver, pela repetição de exercícios, os ritmos naturais do corpo; aperfeiçoa a memória, desenvolve o caráter e enriquece o cérebro. É necessário fazer música fisicamente, para depois poder expressá-la (Paz, 2000, p.256-257)

Jeandot (1997) diz que os jogos sensório-motores que a criança realiza constituem esforços de organização da inteligência, através dos quais constituirá seu conhecimento a respeito das formas, sons, movimentos, tempo e espaço. (p.26)

É evidente a importância das atividades que envolvem som e movimento, pois como cita Brito (2003):

A partir dos movimentos naturais dos bebês e crianças, ampliando suas possibilidades de expressão corporal e movimento, garante a boa educação rítmica e musical, além de equilíbrio, prazer e alegria, pois o ser humano é – também – um ser dançante. (p.145)

Atividades como brincar de estátua para se trabalhar a vivência com o som e o silêncio, mover-se de acordo com o som que possibilita trabalharmos questões como duração, andamento, pulso, intensidade, assim como imitar os sons e os gestos dos animais para que conheçam variados timbres, alturas e trabalhar a interpretação e a percepção são propostas em todas as aulas e são fundamentais para auxiliar no processo de aprendizagem musical. “Os brinquedos de roda, os jogos rítmicos, as danças folclóricas... enfim, todo brincar da criança que envolve o movimento corporal deve estar presente no dia a dia do trabalho musical”. (Brito, 2003, p.148)

5 – SOBRE O ESPAÇO

O espaço existe há pouco mais de um ano, e o público alvo abrange crianças de 4 meses a 8 anos de idade, e cada faixa etária tem seu projeto específico. O método desta instituição consiste em estimular o desenvolvimento infantil através da musicalização.

As atividades são divididas em quatro etapas, de acordo com a idade e desenvolvimento musical da criança: Musicalização, Música e Movimento, Iniciação Musical e a quarta etapa, que é a Iniciação ao Instrumento. Além dessas atividades, existem os projetos especiais chamados: Pequenos Primeiros Passos e Primeiros Passos, para bebês a partir de 4 meses a 1 ano de idade. Por meio de uma equipe multidisciplinar, formados por fonoaudiólogos, professores de dança, artes plásticas e psicomotricidade, oferecem estímulos direcionados visando ao desenvolvimento motor, cognitivo e emocional, além da socialização.

A etapa Musicalização, é direcionada à crianças de 6 meses a 2 anos e tem como objetivo socializar e estimular por meio da música, desenvolvendo a linguagem, a criatividade, a coordenação motora ampla e fina, além de ampliar a percepção auditiva, visual e cinestésica. Também são trabalhadas a aquisição do esquema corporal, a orientação espaço-temporal, a capacidade respiratória, a memória e a concentração. Musicalmente serão vivenciados os conceitos da teoria musical, assim como o canto, e o ritmo individual e de grupo e o repertório é formado por cantigas de roda e músicas folclóricas.

Na etapa Música e Movimento, o foco é o movimento, tendo por base a experimentação da música e sons produzidos com o corpo. O objetivo é interiorizar os conceitos rítmicos por meio da expressão corporal. O repertório é composto por ritmos brasileiros, músicas folclóricas e clássicos da música infantil.

A etapa Iniciação Musical, a criança começa a entrar em contato com a teoria musical. Na iniciação musical são utilizados jogos, ilustrações, vivências práticas, leituras de livros, além de prática de conjunto e cantoria.

Após esta etapa a criança está apta à Iniciação Musical, e começa a construir um repertório próprio, se aprofundando, de forma lúdica, experimentando o instrumento e suas peculiaridades. O objetivo é capacitar o aluno para tocar o instrumento escolhido descobrindo as variedades sonoras e a linguagem musical.

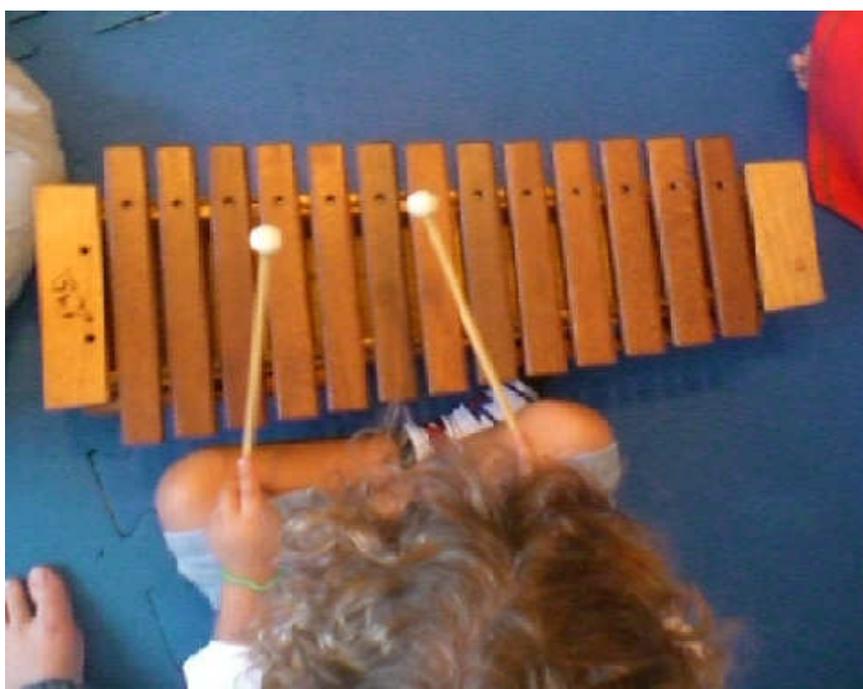


Fig. 5 – Aula de Iniciação Musical, momento de cantoria, criação e socialização.



Fig. 6 – Aula de Iniciação Musical, momento de improvisação e expressão.

A instituição ainda é pequena, mas com ótima estrutura, ambiente adaptado para as crianças, instrumentos de percussão diversos, acervo de literatura infantil, instrumentos de sopro e cordas, e muitos brinquedos educativos.



Fig.7 – Foto tirada no Espaço.

Sou professora auxiliar do espaço desde fevereiro de 2010, e trabalho com crianças na faixa entre 2 e 5 anos de idade. As aulas de musicalização tem a duração de 50 minutos e são ministradas uma vez por semana.

Este período de ‘estágio’ é fundamental para conhecermos sobre as realidades das salas de aula, onde surgem as oportunidades de experimentar e elaborar as formas de transmissão do conhecimento musical e contribuir com o desenvolvimento expressivo, criativo e auditivo dos alunos, além de testar idéias sobre o ensino e aprendizagem musical.

Esta faixa etária na qual trabalho - entre 2 e 5 anos - correspondem à 2ª etapa das atividades, que se subdividem em outras 2 etapas: Música e Movimento – de 2 a 4 anos; e Iniciação Musical – de 4 a 6 anos. As turmas consistem de, no máximo, 6 crianças, o que possibilita um atendimento personalizado e individualizado.



Fig. 8 – Aula de Iniciação Musical, momento em que ocorre a prática de conjunto.

A etapa Música e Movimento é focada no movimento, tendo por base a experimentação da música e dos sons produzidos com o corpo. São apresentados conceitos rítmicos por meio da expressão corporal, apresentação de repertório de músicas folclóricas, ritmos brasileiros, músicas infantis, sempre de forma bem lúdica, respeitando o processo de desenvolvimento.



Fig. 9 – Alunos do Espaço na aula de Iniciação Musical

A outra etapa do trabalho, Iniciação Musical tem como foco a teoria musical. São utilizados jogos, ilustrações, vivências práticas, leituras de livros, além da prática de conjunto e de cantoria. O repertório é composto por músicas que fizeram a história da MPB, passeando por diversos ritmos como lundu, marchinha, bossa-nova, rock, entre outros.

5.1. Projeto Político Pedagógico

Pelo pouco tempo de existência, o espaço ainda não consistia de um projeto político pedagógico consolidado. Portanto, a coordenadora propôs que este projeto fosse documentado em conjunto com os professores da instituição. O projeto tem como objetivo principal, cuidar para que o contato com a linguagem musical seja organizado de modo a possibilitar a aquisição de capacidades necessárias ao desenvolvimento desta linguagem e contribuir para a formação integral do sujeito para que o processo de conhecimento de mundo aconteça de forma sensível e harmônica. Dentre os objetivos específicos estão: o estímulo à criação, interpretação e reflexão sobre os produtos musicais; a expressão por meio do corpo, da voz e de instrumentos musicais elementares; o desenvolvimento da integração entre as crianças; o respeito às regras

propostas; o desenvolvimento da motricidade, da coordenação motora fina e ampla; etc. (v. Anexo).

5.2. Metodologia específica do Espaço

Nossa metodologia de ensino se baseia nas atividades lúdicas infantis, através de jogos musicais que os estimulam a escutar e a discriminar o som dos instrumentos e os motivos sonoros que se repetem. De acordo com as propostas de Piaget, os jogos musicais podem ser de três tipos, que correspondem a três fases do desenvolvimento infantil:

- *Jogo sensório-motor* – vinculado à exploração do som e do gesto;
- *Jogo simbólico* - vinculado ao valor expressivo e à significação mesma do discurso musical;
- *Jogo analítico ou com regras* - vinculado à organização e à estruturação da linguagem musical.

Esses diferentes modos de jogos podem estar contidos em uma mesma obra música, porém, um deles estará em maior predominância. Além disso, esse jogos não estão relacionados de acordo com a faixa etária da criança e sim, de acordo com seu desenvolvimento musical. (Brito, 2003, p.31)

Como dito anteriormente, nossas aulas de música são ministradas semanalmente e tem duração de 50 minutos. Ela se organiza da seguinte forma: chegada, cantoria e fechamento. Na chegada da aula, começamos com uma saudação aos alunos, onde nos cumprimentamos, conversamos, e todos conversam e contam suas novidades. Em seguida, propomos algum jogo rítmico como, por exemplo, bater as sílabas do nome com as mãos ou algum jogo de copos, etc.; em variação, propomos alguma atividade de expressão corporal, alguma musical que estimule a movimentar-se.

Na parte da cantoria, é o momento em que os alunos entram em contato com os instrumentos, nomeando-os no momento de pegá-los. Há sempre a apresentação de novos instrumentos e novas músicas são acrescentadas ao repertório já conhecido por eles. Essa parte ocupa o maior tempo da aula; é onde há a experimentação dos diferentes instrumentos, a integração com os colegas, a oportunidade de criação e improvisação, o estímulo à percepção e ao canto.

Após esta parte, damos início ao fechamento da aula e propomos atividades como bingo de sons, jogo de estátua, movimentos de locomoção, etc. Ao final, colocamos as crianças para relaxarem com um acalanto e voltamos à roda para nos despedirmos. Este é a estrutura de nossas aulas, há sempre a abertura, o período da cantoria e o fechamento.

5.3. Relato de experiências

Pedro (3 anos)

Pedro entrou no Espaço Tatibitati em março de 2010, pouco depois da minha entrada, como estagiária, auxiliando a professora Cláudia Leão. Eu não tinha nenhuma experiência com crianças desta faixa etária e a princípio achei que havia algum problema com esta criança. Pedro não se comunicava e ao menos nos olhava; ficava observando fixamente para diversos lugares da sala, não respondia aos nossos estímulos, e vivia recostado em sua babá que também não o incentivava a participar das atividades propostas por mim e pela professora. Depois de algumas semanas cheguei a perguntar para a Cláudia: “Ele tem algum problema? Alguma deficiência?”. E ela me responde: “Não, ele só precisa de estímulo. Ele não tem muita mobilidade, não consegue segurar os objetos com muita facilidade, temos que trabalhar isso”.

Neste mesmo período, Pedro mudou de babá, e esta parecia ser uma pessoa mais alegre e disposta. A babá, nos dias de hoje, é muito além de uma simples ajudante nos afazeres domésticos. Em muitas famílias, ela passa mais tempo com a criança do que os próprios pais, que passam o dia trabalhando e pouco tempo têm para passar com os filhos. Percebemos, no entanto, que esta nova babá, começou a fazer diferença na vida de Pedro; este que não falava, não interagia, já começava a se comunicar conosco quando chegava às aulas. E a partir desta mudança na rotina de Pedro, seu desenvolvimento foi impressionante; foi a crianças que mais me chamou a atenção neste período de observação.

Além do seu progresso quanto à linguagem, ele vem se desenvolvendo muito musicalmente: em toda a aula ele chega cantando alguma música que ele escutou durante a semana; ele pega um instrumento e começa a dançar e tocar pela sala

cantando a música. Outro fato interessante é que ele já consegue relacionar imagens com algumas músicas, como por exemplo, ele pegou um sino na sala e logo começou a cantar: “Jingle bells, jingle bells..”. Pedro possui extrema imaginação; em alguns momentos se perde na aula brincando com os instrumentos; temos sempre que chamá-lo para que ele volte sua atenção para as atividades que estamos executando.

Certo dia, observando esta surpreendente transformação do Pedro, cantando, dançando, tocando sem parar pela sala, rodopiando, gargalhando, em êxtase, provocando risos em todo mundo, perguntei à Cláudia: “O que houve com o Pedro? Qual o problema dele?” E ela responde: “Ele está feliz”.

Neste momento, estamos trabalhando para que Pedro consiga se concentrar nas atividades; quando há uma quantidade menor de crianças na turma, ele dispersa com menos facilidade. Na cantoria, Pedro tem dificuldades em ficar sentado com as outras crianças tocando seu instrumento; ele possui necessidade em movimentar-se, gosta muito das atividades corporais.

Jeandot (1997) diz que, inicialmente a criança brinca sozinha, mesmo estando perto de outras crianças. Encontrar-se-à exposta, no entanto, a um complexo universo de movimentos, ritmos do corpo e ritmos das músicas e das palavras. De acordo com Piaget, crianças desta idade, entre 2 e 3 anos, estão na fase correspondente ao período de exploração sensório-motora. Nesta primeira fase, as crianças encadeiam gestos para produzir sons e ouvir música expressando-se corporalmente. Além disso, a imitação é muito importante para o desenvolvimento sensório-motor. Variam a velocidade, a intensidade, exploram e realizam sons de diferentes durações sem a orientação de um pulso regular (p.63).

Vicente (4 anos)

Vicente está na Tatibitati há mais de dois anos, não acompanhei seu desenvolvimento desde o início. No entanto, pude observar que ele é uma criança muito inteligente, e possui uma habilidade criativa e uma percepção musical muito desenvolvida. Esta turma contém crianças com níveis diferentes quanto ao processo de desenvolvimento musical, pois como foi dito anteriormente, este processo deve ser contínuo e varia de indivíduo para indivíduo. E Vicente se destaca entre os amigos; percebe-se que ele tem grande habilidade para as atividade musicais. Por exemplo, além

de acompanhar o pulso da música, Vicente já consegue bater no contratempo e fazer outras variações rítmicas.

Um certo dia, estávamos cantando a música “O Sapo Não Lava o Pé” e sugerimos que as crianças começassem a criar uma outra música sobre o sapo. E então, Felipe começou a inventar uma história sobre um sapo que foi passear com um porco, e assim por diante... Porém, a história não tinha sentido nem musical, ou seja, ele não conseguiu construir melodia alguma com sua história – ele apenas a contou– e nem conseguiu criar um desfecho lógico (na verdade ele nem terminou de contar sua história!); foi então que Vicente entreviu e começou a contar sua história cantando uma melodia parecida com a melodia de “O Sapo Não Lava o Pé” (enquanto isso, Cláudia repetia o que Vicente cantava reforçando sua melodia com o violão), narrando que o sapo seguiu junto com o porco para um grande lago para lavar o pé e não teve mais chulé. Ou seja, além de ele ter dado um fim totalmente lógico para a história, ele fez uma melodia para ela e a terminou na tônica. Foi muito interessante.

Um fato mais recente foi também em nosso momento de cantoria, no qual estamos em roda, sentados com os instrumentos de percussão, e Vicente neste momento estava tocando o bongô. Estávamos cantando “O Esquindolelê, O Esquindolelêlálá, O Esquindolelê, Não sou eu quem caio lá...”; além de ele fazer variações rítmicas bem complexas, ele batia todas as sílabas deste fragmento no bongô, todas as vezes em que a cantávamos.

Nesta idade, entre 3 e 4 anos, as crianças costumam inventar canções, e é muito importante que os adultos estimulem, sugerindo temas ou organizando as idéias das crianças, sempre respeitando seu processo de desenvolvimento criativo. Vicente, como já está há um tempo maior nas aulas de música, conseguiu construir a sua música, pois possuía uma bagagem de experiências musicais maior que Felipe que é novo no espaço. Vigotsky diz que o desenvolvimento da criança encontra-se intrinsecamente relacionada à apropriação da cultura e essa apropriação implica uma participação ativa da criança na cultura, tornando próprios dela mesma os modos sociais de perceber, sentir, falar, pensar e se relacionar com os outros. Nesse sentido, o desenvolvimento da criança não é simplesmente um processo espontâneo, linear e natural: é um trabalho de construção do homem sobre o homem. (Vigotsky, 2009, p.8-10)

Além disso, notamos que os processos de criação já se manifestam com força desde a mais tenra infância e Vigotsky refere-se em seus trabalhos que os processos de

criação na primeira infância³ se expressam melhor nas brincadeiras. (Vigotsky, 2009, p.16) Por isso a importância dos jogos e do lúdico na nossa metodologia de ensino da música.

Essas crianças brincantes representam exemplos da mais autêntica e verdadeira criação (...) No entanto, esses elementos da experiência anterior nunca se reproduzem na brincadeira, exatamente como ocorreram na realidade. A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. (Vigotsky, 2009, p.17)

Concluindo ainda com a fundamentação de Vigotsky, é a partir dos elementos já conhecidos e vivenciados pela criança em atividades anteriores é que ela consegue criar recombinar estes elementos que já representará algo novo, criado, próprio daquela criança, e não simplesmente alguma coisa que reproduz o que ela teve oportunidade de observar ou ver. “É essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação”. (Vigotsky, 2009, p.17)

Malu (5 anos)

Malu está há algum tempo estudando no espaço, e não a acompanhei desde o início, porém, já foi possível relatar alguns fatos relevantes sobre seu desenvolvimento musical neste período de observação. Malu era uma criança que não interagiu, não participava das atividades, não conseguia prestar atenção e mal conseguia movimentar-se e tocar os instrumentos. Além disso, estava sempre chegando atrasada, perdendo sempre o primeiro momento da aula, que sempre inicia-se com uma saudação às crianças e uma conversa, que é fundamental para a relação entre professor-aluno.

Entramos em contato com os pais para investigarmos o porquê deste mal desempenho de Malu; pela minha pouca experiência no campo pedagógico, imaginei que seria algum problema a ser resolvido por psicólogos, mas era algo bem mais simples. Sua mãe relatou sua rotina e nos confessou que Malu não conseguia ter uma noite de sono satisfatória; e então, a partir deste diagnóstico, sua mãe mudou os horários de suas atividades e toda a sua rotina. Certo dia, surpreendentemente, surge uma Malu completamente diferente: viva, alegre, feliz, atenta; simplesmente por agora conseguir ter noites de sono satisfatórias para que ela consiga repôr suas energias e realizar suas atividades diárias com êxito.

³ Em seus trabalhos, Vigotski refere-se a diversas idades: primeira infância, que seria a criança até três anos, e a idade pré-escolar, que seria a criança de três e até seis ou sete anos.

A partir desta outra Malu, pude observar seu desenvolvimento musical. Devo ressaltar que Malu não possuía apenas este problema quanto à rotina; seu desempenho melhorou muito quando ganhou noites maiores de sono, porém, ela também possui uma outra particularidade que a prejudica quanto ao seu desenvolvimento – Malu possui um problema auditivo e alguma dificuldade na linguagem, tendo um acompanhamento fonoaudiológico.

No entanto, Malu participa muito bem das atividades propostas em sala e em alguns momentos, propomos que improvisem sons e movimentos e ela consegue realizá-los com êxito. Além disso, Malu realiza outras atividades como balé e natação, fazendo com que goste muito de usar o corpo nas atividades musicais. Devido seu problema auditivo, tem problemas quanto à afinação e dificuldades de perceber diferenças de alturas, mas em relação à criatividade e improvisação, posso considerar que Malu está bem desenvolvida.

Brito (2003) enfatiza a importância dos jogos de improvisação musical para crianças no estágio da educação infantil, pois privilegia conteúdos sensorio-motores e simbólicos, revelando a relação expressiva que elas estabelecem com os diferentes sons e músicas.

Como ações intencionais que possibilitam o exercício criativo de situações musicais e o desenvolvimento da comunicação por meio da linguagem musical, os jogos garantem às crianças a possibilidade de vivenciar e entender aspectos musicais essenciais: as diferentes qualidades do som, o valor expressivo do silêncio, a necessidade de organizar os materiais sonoros e o silêncio no tempo e no espaço, a vivência do pulso, do ritmo, a criação e a reprodução de melodias, entre outros aspectos. (Brito, 2003, p.152)

Este caso é muito interessante, pois não poderia imaginar como a rotina pode ser tão importante para o desenvolvimento das crianças. Até na nossa metodologia de ensino há uma rotina – abertura, desenvolvimento e fechamento da aula – para que haja sentido temporal para a criança.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sobre o processo de desenvolvimento infantil foi muito importante para fundamentar as minhas observações. Pude perceber como se dá o aprendizado da linguagem musical nas crianças baseada no lúdico, na brincadeira e no jogo. Através

desta metodologia, na qual os elementos musicais são apresentados na forma de jogos, cantoria, movimento, brincadeira, dança, etc, além de ser uma forma de transmissão do conteúdo da linguagem musical propriamente dita, é uma forma de trabalhar a socialização entre as crianças que, ao se reunirem para participarem da cantoria, devem necessariamente entrar em contato umas com as outras, pois a prática musical é feita em conjunto. Além disso, os jogos musicais como a brincadeira de estátua, onde se trabalha o som e o silêncio, histórias cantadas como, por a da Tartaruga e o Coelho, na qual podemos trabalhar andamento lento e rápido, brincadeiras imitando os sons dos animais, para trabalhar timbres, som grave e agudo, músicas para dançar e através do corpo, interiorizar o ritmo, etc. Tudo isso faz com que a criança aprenda uma outra linguagem de uma forma natural, pois a brincadeira, a imaginação e a fantasia são características específicas da criança. Além disso, sabe-se que neste período pré-escolar, até os três anos de idade, a criança tem uma capacidade de absorção linguística muito grande, que após esta idade esta capacidade diminui e caso esta criança, por alguma razão, passe por condições desfavoráveis para o seu desenvolvimento neste primeiros anos de vida, esta terá um atraso de língua inexorável. Portanto, acredito que se pudermos colocar nossas crianças em contato com outras linguagens como a musical, por exemplo, o mais cedo possível, será muito favorável para o seu desenvolvimento não só musical, mas global, auxiliando o desenvolvimento motor, cognitivo, o senso criativo, a socialização, etc.

Sabemos que a educação pré-escolar no Brasil ainda é precária e é vista com menor importância. Na educação privada já está havendo uma conscientização maior sobre a importância do ensino pré-escolar, e a procura por aulas de música e outras linguagens está cada vez maior. No entanto, ainda falta muito para que a educação infantil ganhe a importância devida e seus professores também. A linguagem da arte ainda é vista em segundo plano na escola, tanto pelos professores de outras áreas, tanto pelos pais, sendo utilizada como um recurso e não como uma nova linguagem que busca uma outra visão de mundo, conhecimento e expressão.

REFERÊNCIAS BLIOGRÁFICAS

BEYER, Esther. Os Múltiplos Caminhos da Cognição Musical: algumas reflexões sobre seu desenvolvimento na primeira infância. *Revista da ABEM*. Vol.3, p.9-16, Junho/1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** – Conhecimento de Mundo. Brasília, MEC/SEF. 1998.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil: propostas para formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BRUNER, J. (1989). *Concepciones de la infancia: Freud, Piaget y Vygotsky*. In, J. L. Linaza (Org). Jerome Bruner: Acción, pensamiento y lenguaje. Madrid: Alianza Editorial. Tradução Achilles Delari Júnior. Agosto, 1999.

CAMPOS, Moema Craveiro. *A Educação Musical e o Novo Paradigma*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CARVALHO, Patrícia Alves. “A Música: uma linguagem no aprender infantil”. Projeto de Pesquisa. Mato Grosso do Sul, 2006.

CORSINO, Patrícia. (2008). *Pensando a Infância e o direito de brincar*. PGM1 Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas. www.tvebrasil.com.br/salto.

DRUMMOND, Elvira. *Som e Movimento*. Fortaleza: Lmiranda Publicações, 2009.

FARIA, Anália Rodrigues de. *O Desenvolvimento da Criança e do Adolescente Segundo Piaget*. São paulo: Ática, 1989.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes Concepções da Infância e Adolescência: a importância da historicidade para sua construção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. UERJ. RJ. ANO 7, nº1, 1º semestre de 2007.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de psicopedagogia musical* / Violeta Hemsy de Gainza; tradução de Beatriz A. Cannabrava. São Paulo: Summus, 1988.

GONÇALVES, Adriana Rodrigues et al. A Importância da Música na Educação Infantil com crianças de 5 anos. In: II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO UNISALESIANO. 2009. Lins: São Paulo.

JEANDOT, Nicole. *Explorando o Universo da Música*. São Paulo: Scipione, 1997.

MÁRSICO, Leda Osório. *A Criança no Mundo da Música: uma metodologia para educação musical de crianças*. Porto Alegre: Rígel, 2003.

PANCERA, C. (1994) *Semânticas de Infância*. In: *A Modernidade, a infância e o brincar*. Florianópolis. UFSC/CED, NUP, nº22, p.97-104.

PAZ, Ermelinda A. *Pedagogia Musical Brasileira no Século XX. Metodologias e Tendências*. Brasília: MusiMed, 2000.

ROCHA, E. A. C.(1997) *Infância e pedagogia: dimensões de o infantil e uma intrincada relação*. In: *Perspectiva- Educação Infantil*. Florianópolis: UFSC/CED, NUF, v.15, n.28, p.21 - 33.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da. História da Infância: Reflexões acerca de algumas concepções correntes. *ANALECTA*. Guarapuava, Paraná. V.3, nº2, p.51-63. Jul/dez 2002.

SCHAFER, R. Murray. *O Ouvido Pensante*. R. Murray Schafer; tradução Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

VIGOTSKI, Lev S. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores* / Lev Semionovich Vigotski; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

ANEXO

Projeto Político Pedagógico

Segundo historiadores, o fazer musical, de uma forma ou de outra, sempre esteve presente nas sociedades, desde as mais primitivas até as atuais. Quer seja uma manifestação estritamente social, ou também artística, expressa de forma coletiva ou individual, "a música só pode existir na sociedade", e com isso "está aberta a todas as influências que a sociedade pode exercer, bem como às mudanças de crenças, hábitos e costumes sociais" (Raynor, 1986, p.9)

Desde que o homem é homem, o som de tudo o acompanha, sua vida sonora inicia-se na barriga da mãe, o coração é o seu primeiro som, depois, o som da água da bolsa em que ele está envolvido, o som da voz materna e os sons que estão em torno daquela barriga.

Hoje, com a vida agitada que levamos, todos nós, sem exceção, desde os bebês até aos idosos, não conseguimos nos dar conta dos sons que estão a nossa volta. Por este motivo, precisamos ensinar às nossas crianças a ouvir com atenção, a sentir e a reproduzir, do jeito deles, estes sons. E, também, lhes dar a oportunidade de conhecer músicas de qualidade.

O pensamento artístico-musical, nas suas múltiplas vertentes, implica a mobilização de saberes culturais, científicos e tecnológicos. É através desta perspectiva relacional e integradora que os problemas e situações musicais são abordados e vividos. São diversos os instrumentos, as técnicas, as formas e as metodologias que se entrecruzam na prática musical. Partindo da observação e questionamento da realidade, com base nas questões emergentes do cotidiano e nas histórias individuais, procuramos fomentar uma cultura de participação, através de projetos de natureza interdisciplinar. Destacamos a possibilidade de *entrelaçamento* entre a Música e as demais áreas do conhecimento

OBJETIVO:

Cuidar para que o contato com a linguagem musical seja organizado de modo a possibilitar a aquisição de capacidades necessárias ao desenvolvimento desta linguagem

e contribuir para a formação integral do sujeito para que o processo de conhecimento de mundo aconteça de forma sensível e harmônica.

- Objetivos específicos:

-Assumir uma atitude positiva diante da manifestação musical sendo capaz de expressar sentimentos, percepções e pensamentos, por meio dela;

- Expressar-se musicalmente por meio da voz, do corpo, de instrumentos musicais e materiais sonoros diversos;

-Conhecer músicas de diferentes gêneros, ritmos e estilos. Da produção nacional e internacional, conhecendo um pouco da história dessa linguagem, assim como de alguns de seus criadores;

- Interpretar, criar e refletir sobre os produtos musicais;

- Expressar-se por meio da voz, do corpo e de instrumentos musicais elementares;

- Trabalhar com a imaginação e a capacidade criadora, improvisando e criando sons;

-Desenvolver a integração com outras crianças;

-Desenvolver o respeito a si mesmo e ao outro;

-Desenvolver o respeito às regras propostas;

- Estimular a participação às atividades propostas;

-Desenvolver a linguagem oral;

-Desenvolver a motricidade;

-Desenvolver a coordenação motora fina e ampla;

-Descobrir e utilizar progressivamente as próprias possibilidades motoras expressivas;

-Conhecer um repertório de canções e brinquedos musicais regionais.

-Participar de rodas e jogos infantis, realizando movimentos corporais requeridos;

CONTEÚDOS:

- pesquisar e ter contato com os conceitos musicais: ruído, silêncio, som, timbre, amplitude, melodia, textura, ritmo, paisagem sonoro-musical;
- trabalho vocal: o canto integrando ritmo, melodia e harmonia.
- a conscientização com relação aos parâmetros do som e nesse sentido, o trabalho com: a canção, o movimento, o gesto sonoro, a forma musical;
- apreciação musical;
- jogos de improvisação;
- composições;
- relação entre o gesto sonoro e o registro, e dessa forma o conceito de notação musical;

I) HABILIDADES QUE SERÃO DESENVOLVIDAS:

- Cantar;
- Dançar;
- Tocar instrumentos;
- Acompanhar as músicas;
- Avaliar.

II) ATIVIDADES PRINCIPAIS E PERMANENTES QUE CARACTERIZAM O TRABALHO:

(Aqui o profº vai colocar as atividades que fazem parte da rotina, como sentar em roda, tocar instrumentos de percussão, cantar com acuidade, etc.)

III) ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS DO ENSINO APRENDIZADO:

- Participação nas atividades propostas.
- Trocas de informações e experiências.
- Conquistas realizadas

IV) RECURSOS / MATERIAIS DIDÁTICOS USADOS NAS AULAS:

- Textos.
- Piano/violão

- Instrumentos de percussão;
- Voz;
- Histórias;
- Etc.

V) TEÓRICOS QUE FUNDAMENTAM O TRABALHO:

Vygotsky/Violeta de Gainza/ Murray Shafer/ Teca Alencar de Brito/ Cecília Cavalieri França/Miriam Celeste Martins